



CONSIDERAÇÕES FINAIS

61:018



Esta parte da dissertação está organizada em três módulos:

Considerações Finais (pág. 261 a pág.262). Discutem-se algumas problemáticas da pesquisa.

Brasilândias (pág.262 a pág.267). Discute como o estudo da paisagem, a partir dessa aproximação da realidade, adotada na pesquisa, pode revelar peculiaridades de uma paisagem e mesmo diferentes valorações.

Arquitetura da Favela e na Favela (pág.267 a pág. 272)

Começa-se a construir uma hipótese para uma futura aproximação nessa região, a partir do reconhecimento das formas próprias desses lugares, e do questionamento da inserção social do arquiteto e das formas de produção urbanas.

Considerações Finais

Nessa pesquisa, há um entendimento de que a paisagem urbana não pode ser compreendida sem as pessoas, sem o conhecimento de suas histórias e dramas. Isso não significa que as questões estruturais são ignoradas. Percebe-se, entretanto, ao buscar através das pessoas e de suas vidas, reconstruir o entendimento dessa paisagem e seu sentido, que só, as questões estruturais e morfológicas não dão conta da natureza desses espaços. A especificidade e concretude das experiências que tecem a paisagem, deste modo, não existem em autonomia de movimentos mais estruturais.

Essa é uma compreensão crítica e de complexidade, que teve como base o conceito de “paisagem como experiência partilhada”, levando a procedimentos de pesquisa que permitissem essa aproximação em relação ao cotidiano dos moradores. Assim, as vivências em campo levaram às escolhas dos procedimentos, e a cada estudo, novas possibilidades de investigação abriam-se, inclusive apontando para a necessidade de aprimorar os procedimentos, a partir de uma construção conjunta desses procedimentos com os moradores.

O referencial teórico não se deu a priori. Foi construído e questionado a cada resignificação das informações de campo, respondendo assim ao método, e aos pressupostos iniciais dessa pesquisa, determinados pela compreensão dos elementos que constituem a paisagem, dos valores, dos usos, das relações humanas, das crenças e das expectativas dadas a

essas áreas. Da necessidade de superar a homogeneidade da imagem que se atribui às regiões periféricas e agir a partir de parâmetros reais, definidos por suas especificidades de paisagem.

Em função disso, nessa aproximação da realidade, alguns entendimentos sobre a paisagem periférica foram transformados. Foi revelada uma outra dimensão dessa realidade, dessa forma espontânea de produção do espaço, com criatividade, o que levou a uma desconstrução das bases ideológicas e de formação acadêmica, que reduzia estes espaços às suas precariedades e à sua violência.

Somente ao introduzirmos as questões da cultura nesse processo racional de pensar o espaço periférico, é que teremos a possibilidade de reconhecer, não só suas precariedades, mas também o potencial humano desses lugares, bem como as formas criativas de produzir as moradias em cima de um território muitas vezes sem delimitações prévias, livre das normas urbanas e edículas.

Esse entendimento não é uma visão romântica sobre as paisagens periféricas e as ocupações espontâneas urbanas, mas uma crítica ao modo de produção do espaço urbano e à “inserção social do arquiteto”, bem como a funcionalidade e racionalidade da arquitetura, que pensa essas regiões de maneira homogênea.

Brasilândias

Como foi mostrado em toda essa dissertação, o contato pessoal com uma paisagem e sua gente, permite ultrapassar o “olhar” habitual de planejadores e arquitetos, de pensar paisagens, por vezes, de maneira distanciada. Essa possível aproximação, a partir dos processos estruturais,

relacionada às histórias dos lugares, aos dramas de vida e ao estudo da valoração dessas paisagens.

A Brasilândia, assim, mostrou-se como “Brasilândias”. Não é, e não pode ser entendida de maneira homogênea; nela existem periferias, regiões consolidadas, existem moradores que a valorizam e outros que só estão ali por não terem alternativa.

Dentro desse universo, parece haver, em linhas gerais, uma relação entre o tempo de moradia e valorização ou não da Serra da Cantareira. Esse tempo de moradia foi dividido em três períodos, definidos a partir do estudo da expansão urbana do distrito (como detalhado no capítulo 2). Assim, a cada período, uma região do distrito era ocupada ou adensada, influenciada por processos estruturais de urbanização da metrópole. No entanto, além dessas dinâmicas estruturais, apresentavam-se diferentes variáveis, que acabaram por caracterizar diferentes formas de apropriação do espaço, bem como de sua valoração¹.

Na área mais antiga e consolidada do distrito de Brasilândia, junto ao distrito da Freguesia do Ó, área que é ocupada a partir da década de 1940, os moradores que moram nas regiões mais altas, têm a Serra da Cantareira “*como uma bela vista das suas janelas*”, e estabelecem uma relação distanciada, de contemplação, e não de vivência. Os moradores das regiões mais baixas, não têm uma relação com a Serra, nem cotidiana, tampouco visual, já que há uma limitação do campo visual de boa parte dos moradores dessa região, devido aos morros altos que precedem a Serra da Cantareira.

Durante os percursos de campo, foi questionado, a muitos dos

¹ Porém, é preciso atentar que essas relações são muito mais complexas e que existem outras variáveis.

moradores, sobre o lazer na Serra. A maioria não fala das trilhas existentes no próprio distrito, cita pontos turísticos do Parque da Cantareira, como por exemplo, o ponto turístico Pedra Grande. Não que eles freqüentem esses pontos turísticos, mas identificam o lazer na Serra diretamente ao lazer no Parque, um lazer estruturado.

A falta de articulação viária do distrito, bem como a falta de transporte público direto para a região da Serra, fortalece esse processo. Para quem mora na área consolidada, essa região não tem atrativos, nem para o lazer, nem para atender outras necessidades cotidianas, como pontos comerciais ou de serviços. Assim, não há necessidade de conhecer essa outra face do distrito.

Diferente dos moradores dessa região consolidada, muitos moradores da área da pré-Serra da Cantareira, região que passa a ser ocupada na década de 1970, vivenciam a Serra. São eles que, em sua maioria, superam o medo do tráfico de drogas que restringe o acesso às trilhas da Serra e buscam caminhos alternativos para cruzar essa região, a fim de chegar até as cachoeiras da Serra da Cantareira.

Os moradores da pré-Serra, que também tem a Serra como *"vista de suas janelas"*, estabelecem uma relação que vai além da contemplação; é , uma valoração que está relacionada ao tempo de moradia na região, determinando a proximidade espacial com a floresta. Eles perceberam o processo de ocupação e de degradação sobre a Serra. Lembram que, ao chegarem ao distrito, *"era tudo mato"*, e o lazer eram as trilhas junto aos antigos sítios da região e que davam acesso à antiga Estrada do Vista Alegre.

Diferente desses moradores, os que ocupam a própria Serra da Cantareira (região que registra ocupações desde a década de 1970, num

processo que intensifica-se agressivamente a partir da década de 1990, principalmente no Jardim Paraná e Jardim Damasceno) mantêm, em sua maioria, uma relação de “distanciamento”² com a Serra. Estão sobre a Serra, mas a desconhecem, poucos percorrem suas trilhas. Ao contrário dos moradores da pré-Serra, a proximidade com a Serra não determinou sua valoração. Processo que também é resultado da violência atribuída a essas regiões.

Neste contexto, os estudos de percepção, bem como os percursos e conversas, conduziram a um importante entendimento das interações estabelecidas entre os diversos grupos de moradores e a Serra. Mesmo assim, é preciso lembrar que essas conclusões não foram confirmadas com o trabalho de campo, no sentido de hipóteses iniciais. Elas foram formuladas durante o trabalho de campo, na participação do pesquisador com o cotidiano dos moradores.

Essa aproximação do real, através da percepção do morador, encaminha a uma composição de diretrizes ambientais e urbanas para essa região. Ao ultrapassar a opacidade da percepção e, inclusive, ao perceber seus conflitos, questionam-se intervenções urbanas distanciadas da realidade e das expectativas dos que moram lá, mesmo que os padrões de construção e urbanização precisem então ser repensados.

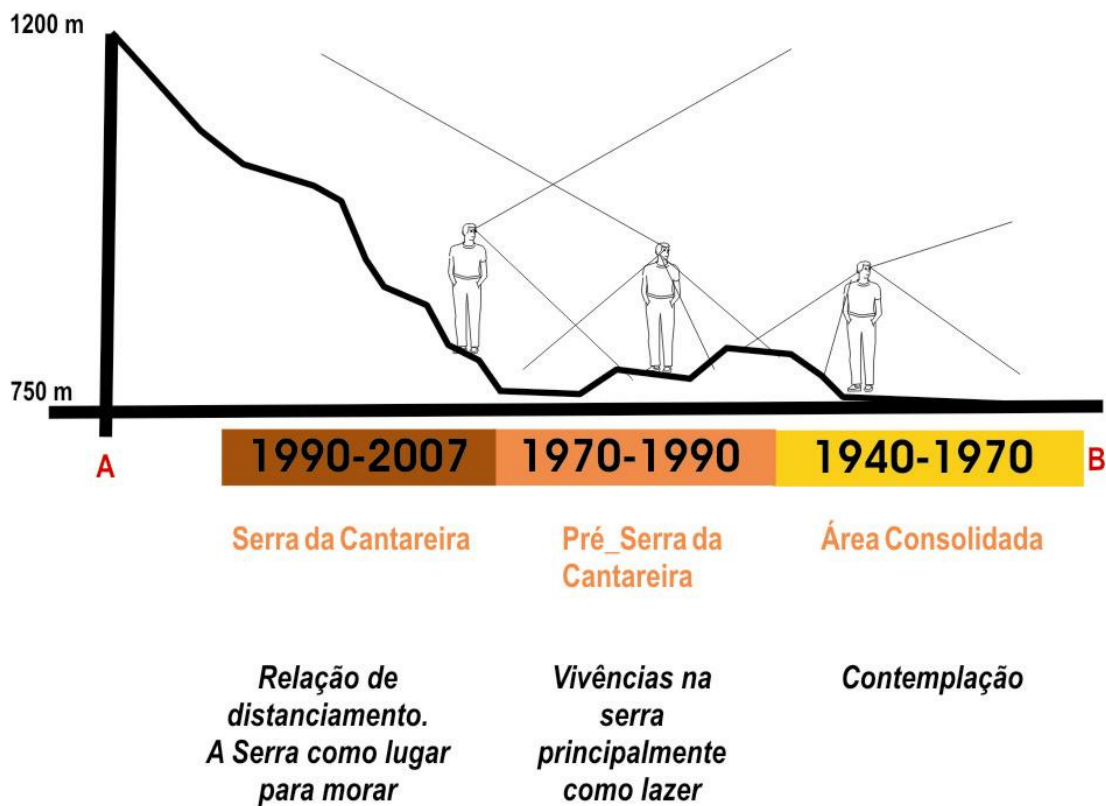
A seguir, resumem-se esses estudos, nos quais se busca entender a relação entre os diferentes grupos de moradores com a Serra da Cantareira.

² Este distanciamento não é espacial e pode ser entendido como falta de vínculo com a Serra, sendo esta constituída pela sua parte conservada.

As diferentes relações estabelecidas dos moradores do distrito com a Serra da Cantareira



A valorização da Serra segundo tempo de ocupação e lugar da moradia, aspectos que influenciam os modos de ver e de produzir esta paisagem



Fonte: Análise e Mapeamento dos dados, Cecília Machado, 2006
Corte Base AB em SILVA, M. (2002)

Arquitetura da Favela e Arquitetura na Favela

Ao longo dessa dissertação foi possível perceber que a paisagem, como produção social, não deve ser reduzida ao resultado de uma dinâmica de acumulação de capital , já que perde, assim, sua significância, ao não serem consideradas as variações sutis da cultura.

“A paisagem urbana não é apenas um palimpsesto de estruturas materiais. É também o lugar onde se sobrepõe, de maneira singular e complexa, várias perspectivas e diversos símbolos culturais que não podem mais ser rebaixados à categoria de simples determinantes estruturais” (GANDY, 2004).

Muitas intervenções no espaço periférico, principalmente em favelas e loteamentos clandestinos, refletem essa visão parcial. A maior parte dos planos e projetos de urbanização tem como objetivo, a provisão de moradias, a remoções de casas em situação de risco e a implantação de infra-estrutura. Analisa-se a densidade habitacional, se as vielas têm a dimensão necessária para as atividades diárias dos moradores, entre outros fatores, mas não se analisa os significados e valores desses mesmos espaços. A partir desse entendimento, começa a se construir uma hipótese para futuras aproximações.

Por vezes, esse tipo de análise (dos valores atribuídos aos lugares), é feita por uma equipe “social”, dissociada da equipe “física”. Quando essa categoria de existência - a do “local” - , é estudada, ela não é feita pela equipe que desenvolverá o projeto de urbanização. Com isso, os projetos acabam se dividindo em dois , dos quais só um será implantado.

A percepção dos moradores dessas regiões, seus modos de ver,

viver, experienciar e produzir o espaço, devem fazer parte do conhecimento necessário para fazer qualquer tipo de intervenção. Assim, faz-se necessária a compreensão da percepção dos moradores do lugar onde moram, bem como seus anseios, permitindo novas soluções para a problemática que se estabelece nessa forma de ocupar regiões que, por vezes são de importância ambiental.

O desconhecimento, por parte do arquiteto, da organização e da participação da população na produção da paisagem, leva à desvalorização das formas e dos espaços, principalmente os adaptados espaços de encontro e lazer, que se mostram como verdadeiras riquezas para a sociabilidade dos moradores. Uma dificuldade que resulta do pouco conhecimento desse tipo de estrutura urbana, pelos arquitetos, que passam a estudar e depois a atuar em favelas somente na segunda metade do século passado, quando começam a registrar trabalhos de grande repercussão, principalmente através da avaliação das políticas existentes.

“Até por volta de 1975, não existia contratação de projeto para favelas” (TANAKA, 199:66)

Muitos entendiam que a resolução desse problema habitacional deveria ser resolvido pelos profissionais do Serviço Social (TANAKA, 1993). Além disso, o poder público, por muito tempo, fez intervenções nesses espaços, tendo como objetivo sua erradicação, não sua urbanização. Para TASCHNER (1993), apud TANAKA(1993), a favela era entendida como uma doença da cidade.

Diferente dessa posição simplista (remoção das famílias e relocação em conjuntos habitacionais modernistas), os arquitetos, nas últimas

décadas, passaram a pensar essas intervenções a partir da urbanização dos espaços, ou melhor, da transformação desses espaços em bairros, porém, da cidade formal, como questiona JACQUES (2003):

“ A favela deve se tornar um bairro formal para que uma melhor integração da favela ao resto da cidade se torne possível. Mas as favelas já não fazem parte da cidade há mais de um século? Será que essa integração formal é necessária? Esta não seria uma imposição autoritária de uma estética formalista, visando uma uniformização do tecido urbano?” ³

Houve experiências positivas de arquitetos, em áreas de favela, porém não há uma memória coletiva dessas formas de pensar o espaço espontâneo, a ponto de orientar o ensino da arquitetura para essas realidades. Como, por exemplo, a experiência da CODESCO (Companhia de Desenvolvimento de Comunidades),⁴ no qual o arquiteto Carlos Nelson F. Santos e sua equipe, fizeram a urbanização da favela Brás da Pina, no Rio de Janeiro, na década de 60; os moradores é quem faziam o projeto de suas casas e as construíam. Esse foi um projeto revolucionário para a época, com intensa participação dos moradores, mas que foi pouco divulgado.

“Se você vai hoje em Brás de Pina, vai ver que não tem uma casa igual a outra. Bem diferente dos conjuntos habitacionais.”

³ Esse texto foi parcialmente publicado em inglês: "The Aesthetics of the favela: the case of an extreme", in "Transforming cities, design in the favelas of Rio de Janeiro", Londres, AA Publications, 2001. O artigo foi publicado originalmente em português, no Portal Vitruvius, Texto Especial Arqtextos, n. 078, junho 2001 e está disponível em www.rizoma.net.

⁴ A Codesco era uma integração entre governo, universidade e comunidade.

SILVIO FERRAZ, jornalista e idealizador do projeto, em entrevista a Marcelo Monteiro, em 23/11/2004⁵

Nesse trabalho, os arquitetos ultrapassaram suas visões particulares perante a realidade da comunidade Brás da Pina. LIPAI (1993), reforça a importância dessa forma de pensar o espaço, e postula que o arquiteto precisa “(...) desenvolver uma consciência de que todo o seu processo de criação quase sempre estará dirigido a outros indivíduos”. Assim, é necessário ultrapassar a “participação” do morador, do usuário ou do cliente, na definição do programa de necessidades do projeto.

A aproximação desta “outra realidade”, para FERRARA (1999), é um “*ir para ver*” e acrescento, para “*descobrir*”, e não para confirmar o que acha que já se sabe sobre esses espaços e essas paisagens. É transpor os limites históricos da formação, que pela natureza de seu trabalho, deveria ser ainda mais ampla.

“(...) devemos considerar a arquitetura como uma das áreas de estudo mais abrangentes quanto à diversidade de conhecimentos necessários para que um arquiteto possa atuar com o potencial pleno, ao conciliar arte e técnica com o complexo universo do ser humano” (LIPAI, 1993).

Mesmo com a complexidade que se imagina necessária para essa formação, não é possível fortalecermos a criação de barreiras do arquiteto com outras realidades, não só de outras escolas, mas da realidade urbana brasileira.

⁵ Artigo disponível em www.favelatemoria.com.br, Portal Viva Favela, iniciativa da ONG Viva Rio.

A superação da fragilidade de formação profissional e intelectual, pode se dar com a interdisciplinaridade com outras áreas, como a geografia cultural, a filosofia, a antropologia, a história, a ecologia e até mesmo a psicologia. Porém, a superação das barreiras com outras realidades urbanas, só se dará com a sua imersão nessa realidade social, com o reconhecimento de suas especificidades e valores próprios, podendo, a partir dessa aproximação, garantir a sustentabilidade dos projetos e dos recursos empenhados. Porém,

*“(...) a arquitetura tem grandes dificuldades em enfrentar os riscos do acaso, do aleatório, do arbitrário, do fragmentário”
(JACQUES, 2003:44).*

E é o que precisa ser enfrentado, ou melhor, explorado e descoberto. Mas, como trabalhar com mudanças contínuas, com as incertezas de futuro, principalmente se a imagem tradicional da arquitetura está ligada à idéia de algo durável, fixo? (JACQUES, 2003) Assim, ao levarmos referência urbanística a esses assentamentos, é preciso mais do que respeitar suas formas próprias de apropriação e produção, é preciso reconstruir a compreensão de tempo, desvinculado da mensuração e da previsibilidade. Uma arquitetura do tempo, como ela se apresenta.

*“(...)os arquitetos têm o habito de espacializar o tempo, enquanto os favelados agem mais temporalizando o espaço”
(JACQUES, 2003:55)*

Para BRANCO (1981:03), mesmo essas construções sendo espontâneas e improvisadas, e mesmo não se tendo um projeto final, é possível reconhecer nelas um PARTIDO, *“(...) denunciando uma vinculação com todo um comportamento ligado à forma de morar”*, o que não significa que

não haja diversidade e particularidades.

Assim, como mostrado nessa dissertação, nas “Brasilândias” existem pessoas que produzem de maneira diferente esses espaços, frente às limitações de um sistema desigual, porém, tanto imersos quanto transformando sua cultura, sua história e sua percepção. Não seria possível tratar essa paisagem como única, ela é partida. Nem quem mora lá tem essa totalidade. As pessoas, ao falarem de suas percepções, fizeram escolhas, evidenciaram o que valorizavam, mas também o que conheciam: a Brasilândia que faz parte de seu cotidiano.

Seria importante que os projetos de urbanização não fossem alheios a esse universo, bem como a essa “arquitetura popular brasileira”. A moradia não é um produto a ser reproduzido em série, é uma construção guiada pelas preferências, valores e cultura do indivíduo, que encontra nela, o abrigo e a estabilidade, mesmo que esta, segundo BACHELARD (2000), seja ilusória.

Neste contexto, o estudo da paisagem pelo arquiteto, enquanto experiência partilhada, leva a uma aproximação da realidade desses espaços por outros caminhos, sem se limitar aos problemas de risco, de falta de acessibilidade, de adensamento, entre outros. Isso nos leva a pensar a estrutura desses assentamentos, seus fragmentos, seus labirintos, e rizomas⁶, nos quais a produção dos espaços passa a ser entendida como auto-expressão, o que nos leva a novas possibilidades de pensar esses lugares e essas paisagens, merecendo destaque no processo que orienta a continuidade dessa pesquisa.

⁶ JACQUES (2003), estuda as favelas sobre essas três figuras conceituais. Labirinto se baseia no estudo do conjunto de barracos; fragmentos resultante da observação dos barracos, de sua forma fragmentária; rizoma, baseia-se no estudo do crescimento rizomático das favelas, no entendimento de seus novos territórios urbanos.

BIBLIOGRAFIA

- ANCONA, Ana Lucia. *A Questão Ambiental Urbana*. São Paulo: Secretaria Municipal do Verde e Meio Ambiente, 1993.
- ARENDT, Hannah. *Entre o Passado e o Futuro*. 3a. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- ATLAS do Censo Demográfico 2000: IBGE.
- BACHELARD, G. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2000.
- BARROS, Mario Thadeu Leme de. *Gerenciamento Integrado de Bacias Hidrográficas em Áreas Urbanas. Sistema de Suporte ao Gerenciamento da Água Urbana, Estudo de Caso: Rio Cabuçu de Baixo, Cidade de São Paulo*. São Paulo: Edusp/Cnpq, 2004.
- BRANCO, Bernardo José C. *Posseiros do Monte Belo*. Dissertação (Mestrado) apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 1981.
- BERLINCK, Manoel T. *Migração Interna e Adaptação na Aidade de São Paulo*. Monografias FAU/ USP.
- BECKER, Howard S. *Métodos de Pesquisa em Ciências Sociais*. Tradução Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Ed. Hucitec, 1994.
- BERQUE, Augustin. *Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma Geografia Cultural* in *Paisagem, Tempo e Cultura* / Org. Roberto Lobato Corrêa, Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.
- BOSI, Eclea. *Memória e Sociedade. Lembrança de Velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRASIL, *Estatuto da Cidade. Guia para Implementação pelos Municípios e Cidadãos; Lei n. 20.257, de 10 de julho de 2001, que estabelece diretrizes gerais da política urbana*. Ed. Brasília: Câmara dos Deputados Coordenação de Publicações, 2002.
- BREDARIOL, Celso. *Cidadania e Política Ambiental*, Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.
- BROSSO, Rubens. *Um Olhar Despercebido, Semiose urbana e dispositivo jornalístico: a favela como corpo emissor de signos*. Tese de Doutorado. Departamento Jornalístico da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, 2003.
- BONI, V. ; QUARESMA, Silvia Jurema Leone . *Aprendendo a Entrevistar: Como fazer entrevistas em Ciências Sociais*. Revista Eletrônica dos Pós Graduandos em Sociologia Política da Ufsc, Florianópolis - SC, 2005.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *Cidade de Muros: Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo*. São Paulo: Ed.34/Edusp, 2000.

CARVALHO, Elza Maria Braga de. *O Vão entre a Cidade Fática e a Cidade Legal: o processo de regularização fundiária em São Paulo*. Dissertação (Mestrado) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

CASTELLO, Lineu. *A percepção em Análises Ambientais*. São Carlos, UFSCar: Ed. Studio Nobel, 1996.

CENSO DEMOGRÁFICO IBGE. *Base de Informações por Setor Censitário - resultados do , 2000*.

CLAVAL, Paul. *A Paisagem dos Geógrafos*. in *Paisagens, Textos e Identidade / Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

_____. *Histoire de la géographie française de 1870 à nos jours*, Paris, Nathan. 1999

_____. *A Contribuição Francesa ao Desenvolvimento da Abordagem Cultural na Geografia*. In *Introdução à Geografia Cultural*. (Orgs.) Roberto Lobato Corrêa/Zeny Rosendahl. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CORRÊA, Roberto Lobato e ROSENDAHL, Zeny. *Apresentando Leituras sobre Paisagem, Tempo e Cultura*. In *Paisagens, Tempo e Cultura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2004.

COSTA, Jurandir Freire. *Ética e o Espelho da Cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CRITELLI, Dulce Mára. *Analítica do Sentido. Uma Aproximação e Interpretação do Real de Orientação Fenomenológica*, São Paulo: EDUC, Brasiliense, 1996.

DEL RIO, Vicente. *Percepção ambiental : a experiencia brasileira*. São Carlos : UFSCar, 1996

DURHAN, Eunice. R. *A Caminho da Cidade. A vida rural e a migração para São Paulo*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1973.

FERRARA, Lucrécia. *Olhar Periférico*. São Paulo: Ed. Edusp, 1999.

FREITAS, Carlos Geraldo Luz. *Habitação e Meio Ambiente. Abordagem Integrada em Empreendimentos de Interesse Social*. São Paulo: IPT, 2001.

FUNDONESP. *Mapeamento de Risco Associado a Áreas de Encosta e Margens de Córregos nas Favelas do Município de São Paulo*, 2003.

GANDY, Matthew. *Paisagem, Estéticas e Ideologia*. In *Paisagens, Textos e Identidade/ Org. Roberto Lobato Corrêa e Zeny Rosendahl*. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2004.

GOUVEIA, Luiz alberto de Campos. *Brasília: a Capital da Segregação e do Controle Social: Uma avaliação da ação governamental na área da habitação*. São Paulo: Ed. Annablume, 1995.

GTA Assessoria Técnica. *Diagnóstico - Plano de Ação Habitacional de Urbano para o Distrito de Brasilândia*, 2003.

GTA Assessoria Técnica. *Diretrizes e Prioridades – Plano de Ação Habitacional de Urbano para o Distrito de Brasilândia*, 2003.

HAESBAERT, Rogério. *O Mito da Desterritorialização*, Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 2004.

HERLING, Tereza. *A Floresta em São Paulo, a Cidade na Cantareira: Fronteiras em Transformação*. Tese (Doutorado), Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2002.

JACOBI, Pedro Roberto. *Cidade e Meio Ambiente: Percepções e Práticas em São Paulo*. São Paulo: Ed. Annablume, 2000.

JACQUES, Paola Berestein. *Estética da Ginga: A arquitetura das favelas através da obra de Hélio Oiticica*, Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

_____. *The Aesthetics of the favela: the case of an extreme*, in "Transforming cities, design in the favelas of Rio de Janeiro", Londres, AA Publications, 2001. Disponível em português, no Portal Vitruvius, Texto Especial Arqtextos, n. 078, junho 2001 e em www.rizoma.net.

JANUZZI, Paulo de Martino. *Migração e Mobilidade Social -Migrantes no mercado de trabalho paulista*. São Paulo: Ed. Autores Associados,2000.

JORNAL DA CANTAREIRA. *"Impunidade mantém aterro no Jardim Damasceno"*. São Paulo, agosto, 2005.

JORNAL DA CANTAREIRA. *Histórias da Comunidade*. Edições: Dezembro, 2003 – Agosto, 2003 – Fevereiro, 2004 – Julho, 2005.

JORNAL DA SERRA. *Rodoanel Edição Especial*, 2003. Disponível em www.jornaldaserra.com.br

KANT, Emmanuel. *Crítica da Razão Pura*. Versão eletrônica, Grupo de Discussão Acrópolis (Filosofia). disponível em <http://br.egroups.com/group/acropolis>.

KOSIK, karel. *Dialética do Concreto*, tradução de Célia Neves e Alderico Toríbio, 2º ed. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

KOWARICK, Lúcio. *Escritos Urbanos*. São Paulo: Ed. 34, 2000.

LABHAB FAUUSP. *Relatório de Avaliação de Políticas Habitacionais Recentes*, 2003.

LANGENBUCH, Jurgen Richard. *A Estruturação da Grande São Paulo: (estudo de geografia urbana)*. São Paulo: Biblioteca Geográfica Brasileira, 1971.

LIPAI, Alexandre Emílio. *Arquitetura: Percepções de Uso do Espaço e suas Múltiplas Realidades*. Tese (Doutorado) apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

LYNCH, Kevin. *A Imagem da Cidade*, São Paulo: Ed. Martins Fontes, 1998.

MACHADO, Lucy. *A Serra do Mar Paulista: Um Estudo de Paisagem Valorizada*. Tese (Doutorado), Departamento de Geografia do Instituto de Geociências e Ciências Exatas

da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, 1988.

MANENTE, F.C.M. *A Moradia Popular Chegou à Serra da Cantareira*. Tese (Mestrado), Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.

MARCONDES, Maria José de Azevedo. *Cidade e Natureza-Proteção dos Mananciais e Exclusão Social*, São Paulo: Ed. Studio Nobel, 1999.

MARICATO, Ermínia T.M. *Metrópole da Periferia do Capitalismo: Ilegalidade, Desigualdade e Violência*. São Paulo: Hucitec, 1996.

MARICATO, Ermínia T.M. (org.) *A Produção Capitalista da Casa (e da cidade) no Brasil industrial*. São Paulo: Alfa-Omega, 1982.

MARQUES, Eduardo . TORRES, Haroldo. *São Paulo Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais*. São Paulo: Ed. Senac, 2005.

MAZZEI, Kátia. *Manejo de Unidades de Conservação em Áreas Urbanas: Parque Estadual da Cantareira - discussão para incorporação de novas áreas*. Dissertação (Mestrado), Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1999.

MEDEIROS, Ethel Bauzer. *O Lazer no Planejamento Urbano*. In *Cadernos de Administração Pública*. Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getúlio Vargas, 1975.

MENEZES, Ulpiano Bezerra de. *A Paisagem como Fato Cultural*. In Yázigi, Eduardo(org.) *Turismo e Paisagem*, São Paulo: Ed. Contexto, 2002.

METZGER, Jean Paul. *O que é ecologia de paisagens?*, disponível em www.biotrópica.org.br.

MEYER, Regina Maria Proserpi - *O Urbanismo e a Reparação das Cidades*. In BRASMITTE, *Intervenções Urbanas*. São Paulo: Projeto Arte/Cidade e Instituto Goethe, 1997.

MORAES, Antonio Carlos Robert e COSTA, Wanderley Messias. *A Valorização do Espaço*. 4º ed., São Paulo: Ed. Hucitec, 1984.

NOVAES, Washington. *A Década do Impasse: da Rio 92 à Rio + 10*, São Paulo: Ed. Estação Liberdade, 2002.

PAIVA, Rita de Cássia Souza. *Subjetividade e Imagem : A literatura como horizonte da filosofia em Henri Bergson*. Tese (Doutorado) apresentado ao Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2002.

PENDLEBURY, Michael. *Experience, Theories Of*. In *A Companion to Epistemology*, editado por Jonathan Dancy e Ernest Sosa. Malden (MA, EUA) e Oxford: Blackwell, 2005.

PIRES, Célio. *Origens da Vila Brasilândia*. São Paulo, 2002. Disponível em www.freguesianews.com.br.

- PMSP, *Processo de Regularização do Loteamento Jd. Paraná*. Resolo II, 1995.
- PMSP, *Relatório de Vistoria de Campo Jardim Paraná*. Consórcio Hidroconsult e JMR, 2005.
- RESOLO, *Regularização de Loteamentos no Município de São Paulo*: Portela Boldarini Arquitetura e Urbanismo, 2003.
- PMSP, SMMA; SMPU. *Atlas Ambiental do Município de São Paulo*, 2001. Disponível em www.prodiam.so.gov.br/svma/atlas.
- PMSP. SVMA. Departamento de Controle da Qualidade Ambiental. *Efeitos ambientais da ocupação irregular na região da Serra da Cantareira no município de São Paulo*, 2000.
- POOPER, Karl. *Conjeturas e Refutações*. Traduzido por Bendita Bettercourt. São Paulo: Ed. Almedina, 2003.
- PRO-AIM. *Boletins*. Disponível em www.prefeitura.sp.gov.br
- RAMOS, Aluísio Wellichan. *Fragmentação do Espaço da/na Cidade de São Paulo: Espacialidades diversas do bairro da Água Branca em questão*. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2001.
- RELPH, Eduard. C. *As Bases Fenomenológicas da Geografia*. In Geografia 4, abril, 1979.
- ROLNIK, Raquel. *A Cidade e a Lei: Legislação, Política Urbana e territórios na cidade de São Paulo*, São Paulo: Ed. Studio Nobel, 2003.
- SACHS, Céline. *Políticas Públicas e Habitação Popular*. São Paulo: Ed. Edusp, 1999.
- SANDEVILLE JR, Euler. *As Sombras da Floresta. Vegetação, Paisagem e Cultura no Brasil*. São Paulo: Tese de Doutorado, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 1999.
- _____. *"Paisagens e métodos. Algumas contribuições para elaboração de roteiros de estudo da paisagem intra-urbana"* in Paisagens em Debate, FAU.USP, v. 2, 2004.
- _____. *Paisagens Enquanto Paisagem*. São Paulo, 2006, inédito.
- _____. *"Paisagem"* in São Paulo: Paisagem e Ambiente, n. 20, 2005, pg. 47-59.
- _____. *Paisagens são experiências compartilhadas*. São Paulo, 2004, inédito.
- SANTIAGO, Daniel. *Brasilândia: Uma Cidade dentro de um Bairro*. Projeto de documentário de média metragem, São Paulo, 2005.
- SANTIAGO, Daniel. *Brasilândia e Suas Histórias*. Documentário de média metragem, São Paulo, DSS Produções, 2006.
- SANTOS, Milton. *A Natureza do Espaço*. 4. ed., São Paulo: Ed. Edusp, 2004.
- SANTOS, Milton. *O Brasil: Território e Sociedade no Início do Século XXI*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SANTOS, Myrian Sepulveda. *Memória Coletiva e Teoria Social*, São Paulo: Ed. Annablume,

2003.

SANTOS, Laerte Moreira. *Expansão Urbana da Cidade de São Paulo e a Segregação Sócio-espacial durante o período de 1850-1992*. Disponível em www.cefetsp.br

SILVA, Dimas Antonio. *Evolução do Uso e Ocupação da Terra no Entorno dos Parques Estaduais da Cantareira e Alberto Lofgren e Impactos Ambientais Decorrentes do Crescimento Metropolitano*. Dissertação (Mestrado) Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2000.

SILVA, Jailson de Souza. *Favela: Alegria e Dor na Cidade*. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

SILVA, Lucia Sousa. *Proteção Ambiental e Expansão Urbana : A ocupação ao Sul do Parque Estadual da Cantareira*. Dissertação (Mestrado) apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental da Universidade de São Paulo, 2004.

SILVA, Marcia Aparecida da Silva. *Percepção da Paisagem e Planejamento no Distrito de Brasilândia- SP*. Tese (Doutorado) apresentada ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2002.

SOCIEDADE ROSAS DE OURO. *A Nossa História*. 2006 Disponível em www.sociedaderosasdeouro.com.br.

SOUZA, Maria Adélia de Souza. *Território Brasileiro- Usos e Abusos* Campinas: Edições Territorial, 2003.

SPIRN, Anne Whiston. *O Jardim de Granito: A Natureza no Desenho da Cidade*. Tradução Paulo Renato M. Pellegrino, São Paulo: Ed. Edusp, 1995.

SPOSATI, Aldaíza. *Mapa da exclusão/inclusão social da cidade de São Paulo*, 2000.

TABARELLI, Marcelo. *Clareiras Naturais e a Dinâmica Sucessional de um Trecho de Floresta na Serra da Cantareira- SP*. Tese (Doutorado) apresentada ao Instituto de Biociências da Universidade de São Paulo, 1994.

TANAKA, Marta Maria Soban. *Favela & Periferia*. Tese (Doutorado) apresentada a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1993.

TUAN, Yi-Fu. *Um Estudo de Percepções, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: Difel, 1980.

VIEIRA, Miguel Gomes . *Relações de Trabalho no Cinturão Verde da Cidade de São Paulo - Área de Cachoeira - na pré - Serra da Cantareira*. Tese (Doutorado) - Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 1988.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço Intra-Urbano no Brasil*, São Paulo: Ed. Studio Nobel, 2001.

VIVA O RIO - Portal Viva a Favela. *Brás da Pina*. Disponível em www.favelatememoria.org.br

ZARTH, Paulo Afonso. *Os Caminhos da Exclusão Social*, Rio Grande do Sul: Ed. UNIJUI, 1998.

Imagens Capas _créditos

Capa da Dissertação - Disponibilizada por Maria Bonfim, moradora do distrito.

Capa Introdução - Foto Marta Baião, 2003. Trabalho Gráfico Cecília Machado, 2006.

Capa Capítulo 1 - Foto Marta Baião, 2003. Trabalho Gráfico Cecília Machado, 2006.

Capa Capítulo 2 - Foto Marta Baião, 2003. Trabalho Gráfico Cecília Machado, 2006.

Capa Capítulo 3 - Foto Marta Baião, 2003. Trabalho Gráfico Cecília Machado, 2006.

Capa Capítulo 4 - Foto Marta Baião, 2003. Trabalho Gráfico Cecília Machado, 2006.

Capa Conclusão - Foto e Trabalho Gráfico Cecília Machado, 2006.